

## O CONTO "AYOLUWA, A ALEGRIA DO NOSSO POVO" ENQUANTO REPRESENTAÇÃO DA POÉTICA NEGRA

### THE SHORT STORY "AYOLUWA, A ALEGRIA DO NOSSO POVO" AS REPRESENTATION OF THE BLACK POETIC

Tássia do Nascimento (UEL)

Resumo: Pensar a questão da literatura negra significa observar todo um conjunto de demandas histórico-culturais que pretende estabelecer releituras e dismantlar o pensamento racista brasileiro. Neste trabalho pretendo traçar considerações sobre esta contra-corrente literária através da análise do conto *Ayoluwa, a alegria do nosso povo*, de Conceição Evaristo. Será verificada sua expressão enquanto literatura que busca questionar um discurso estereotipado fazendo uso da palavra ganhadora de novas significações. Para tanto se observará o processo de afirmação da identidade negra, considerando-se o conceito de negritude dentro da literatura e explicitar-se-á a sua manifestação que marca o surgimento de um eu enunciativo que se quer negro.

Palavras-chave: literatura negra; identidade; emancipação

Abstract: Think the issue of black literature means to observe a whole range of historical and cultural demands that would establish readings and dismantle the racist thought in Brazil. In this paper I intend to make some considerations about this counter-stream of literature by examining the story *Ayoluwa, the joy of our people*, by Conceição Evaristo. Expression will be checked as literature that aims to question a stereotyped speech making use of the word winner of new meanings. To observe both will be the process of affirmation of black identity, considering the concept of blackness in the literature and explain will be its demonstration that marks the emergence of a statement that if I want black.

Keywords: black literature; identity; emancipation

#### A literatura afro-brasileira

Para trabalhar o conceito de literatura afro-brasileira, precisamos, primeiramente, compreender os elementos que tecem sua formação e que permitem afirmá-la enquanto *corpus* específico. Muitas objeções surgem na tentativa de negar a necessidade de destaque desta da literatura nacional, pensando-se a nacionalidade brasileira enquanto totalidade: estamos circunscritos pelo mesmo contexto, tratamos, portanto, de uma mesma literatura.

Neste trabalho pretendo traçar considerações sobre esta contra-corrente literária através do conto *Ayoluwa, a alegria do nosso povo*, de Conceição Evaristo. Será analisada sua expressão enquanto literatura que busca questionar um discurso estereotipado fazendo uso da palavra ganhadora de novas significações. Para tanto se observará o processo de afirmação da identidade negra, considerando-se o conceito de negritude dentro da literatura e explicitar-se-á a sua manifestação que marca o surgimento de um eu enunciativo que se quer negro.

Esta contra corrente literária pressupõe narrativas que invertem alguns sentidos fixados pela literatura canônica. Precisamos compreender, primeiramente, que há uma necessidade de re-configuração da identidade negra no sentido de criarmos novos significados para estes sujeitos a partir da construção de histórias e, por conseguinte, personagens que se diferenciam dos tipos presentes na literatura consagrada. Devemos, portanto, abordá-la enquanto parte de uma demanda maior: a busca de uma nova identidade étnica a partir de narrativas que expressem uma perspectiva que se identifica à cultura, história e a toda problemática advinda da trajetória da comunidade negra no Brasil.

Existe aí uma relação entre a literatura, suas narrativas e o processo de construção de identidades. Corroborando o pensamento de Stuart Hall, "as identidades nacionais não se resumem a idéias com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação" (Hall 2006: 48). A nação, enquanto 'comunidade simbólica', constrói representações utilizando mecanismos diversos e os seus cidadãos compartilham e participam dessas ideias e das simbologias resultantes. A literatura participa do processo de produção do imaginário de uma sociedade sendo, portanto, imprescindível compreender seu papel enquanto formadora de identidades.

Quando um leitor entra em contato com um texto, sua participação vai além de simples espectador da obra de arte, este codifica e recodifica seu espaço internalizando descrições e projetando-as em sua significação de mundo. Se pensarmos que a literatura canônica repete a imagem do negro distante dos padrões de comportamento estabelecidos, verificamos que os efeitos desta repetição recaem na estigmatização de um grupo sendo necessário repensá-la considerando-se as demandas de nossa configuração histórica atual. Sem dúvidas a literatura representa um dentre vários outros recursos, mas neste momento voltaremos nosso olhar para ela.

Observemos, por exemplo, os versos de Bandeira sobre Irene, a *preta, boa e sempre de bom humor*. Quando esta ganha voz no poema, suas únicas palavras reproduzem a ordem escravocrata de pertencimento a alguém a quem se devem condescendências: "*Licença, meu branco!*". É a identidade negra vinculada à servidão e retidão nos gestos e palavras e o papel do branco nesta relação se restringe à atitude paternalista reprodutora da velha dicotomia: o benevolente e tolerante diante de alguém que deve ser observado enquanto subalterno tomando sempre as devidas distâncias.

Podemos concluir que as imagens veiculadas pela literatura participam do processo de constituição de identidades; elas representam uma importante instituição que fornece elementos para a prática de significação. Neste sentido, comunidades étnicas são representadas através dela. Kathryn Woodward, na obra *Identidade e diferença*, nos afirma:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos

tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (Woodward 2007: 17).

A literatura afro-brasileira marca a re-apropriação de determinados territórios culturais, vinculando-se a noção de território ao conjunto de projetos e representações de um grupo (Deleuze e Guattari, apud Bernd 1988: 23). Ocorre uma reversão de valores e o estabelecimento de uma ordem simbólica distinta através da desconstrução de uma simbologia onde, por exemplo: a noite, o preto, o escuro, enfim, tudo o que se relacione à cor negra, é associado ao mundo das trevas, do mal ou do pecado (Bernd 1988: 89).

À tentativa de universalismo dos padrões europeus justapõem-se questionamentos que o desarticulam enquanto discurso dominante e a ele é sobreposto outras demandas e referenciais. Desloca-se a narrativa evolucionária e passa-se a aceitar que a história não pode ser vista como uma unidade, ou como refletindo certos princípios unificadores de organização e transformação (Giddens 1991: 15).

Neste sentido, estamos re-configurando a identidade negra a partir de novos atributos que marcam a tomada de uma outra atitude frente aos mitos e ordens estabelecidos por uma intelectualidade que almejava ser reflexo do continente Europeu. A afirmação desta reflete os anseios históricos atuais e representa a expressão dos debates que problematizam a questão da marginalidade do homem negro nos últimos séculos no Brasil.

O conceito de negritude surge para solapar os estereótipos referentes ao negro e representa uma reação ao preconceito e à discriminação. O antilhano Aimé Césaire cunhou o termo em 1939 na tentativa de apreender a totalidade do mundo negro fundada na idéia de solidariedade racial, dela subtraída sua conotação pejorativa (Hernandes 2005: 151). À África corresponde o lócus de reencontro com a negritude e prevalece a ideia central de que todos os africanos e todos os povos de ascendência africana compartilham um patrimônio cultural comum.

Desta forma, a literatura negra pretende prover um determinado grupo marginalizado de referentes que o vinculem a uma ancestralidade comum da qual possam se orgulhar (Bernd 1988: 91). Através do compartilhamento de todo esse arsenal cultural e da afirmação das referências aos legados africanos os negros poderão construir o sentimento de identidade

A materialização da negritude no conto *Ayoluwa, a alegria do nosso povo*

O conto selecionado é de autoria de Conceição Evaristo, representante de uma das vozes que caminham na contra-corrente literária. Sua poética concretiza o processo de afirmação da identidade negra atribuindo-lhe novos valores simbólicos. Nascida em Belo Horizonte em 1946 e radicada no Rio de Janeiro desde 1973, a escritora, formada em Letras, atualmente é doutoranda em Literatura Comparada na UFF.

O conto *Ayoluwa, a alegria do nosso povo*, publicado no volume 28 dos Cadernos Negros, retrata elementos e características de uma comunidade negra que

passa por uma crise. A primeira parte do conto se refere ao momento em que as personagens se encontram desamparadas. A segunda que se inicia com a notícia do nascimento de uma criança (Ayoluwa), é o momento em que se devolve à comunidade a esperança.

A narração ocorre em primeira pessoa o que revela na literatura negra a determinação do narrador em desvencilhar-se do anonimato e da "invisibilidade" a que o relegou sua condição de descendente de escravos ou de ex-escravos. Na grande maioria dos casos o *eu* individual funde-se ao nós coletivo, evidenciando um empenho em delinear uma identidade comunitária (Bernd 1988: 77-78). O narrador deste conto participa e compartilha com a comunidade angústias e anseios, e a utilização da primeira pessoa do plural corrobora essa afirmação: "À noite, quando nos reuníamos em volta de uma fogueira mais de cinzas do que de fogo, a combustão vinha de nossos lamentos" (Evaristo 2005: 37).

Nesta poética, o eu-enunciador, ao se declarar negro e evidenciar essa identidade, deixa de ser objeto da escritura para se tornar sujeito; ele conta as inquietações de sua comunidade, sem tomar de empréstimo a voz de um branco ou ser referido como "o outro", aquele que é observado e sobre o qual se fala.

Partindo do momento presente, o narrador volta ao passado, às suas memórias, para descrever esta crise que tomou conta de sua comunidade e que, no momento da narração, já havia sido superada devido ao nascimento de mais um membro: "Quando a menina Ayoluwa, a alegria do nosso povo, nasceu, foi em boa hora para todos" (). O narrador pormenoriza as lembranças dos tempos difíceis, em que os dias "passavam como um café sambango, ralo, frio, sem gosto. Cada dia sem quê, nem porquê. E nós ali amolecidos, sem substância alguma para nos deixar de pé" (Evaristo 2005: 35).

O conto se atem a descrever os elementos da comunidade que foram afetados pela crise. O depois ou o antes disso configura-se como uma incógnita e o que sabemos, ao final da narrativa, é que o nascimento de Ayoluwa trouxe contribuições para a comunidade, mas este estado pode não ser permanente.

Partindo-se da premissa de que o autor de um conto não pode proceder acumulativamente, que não tem o tempo por aliado (Cortázar 1993: 152) e, seguindo o preceito da economia dos meios narrativos (Gotlib 1985: 34), percebemos que a autora estabeleceu algumas estratégias para conseguir elucidar diversos elementos da cultura afro-descendente e caracterizá-los através dos vários personagens.

A comunidade de que o conto trata é composta por muitos membros e a autora menciona todos eles na tentativa de caracterizar de forma totalizadora a organização social do grupo de ascendência africana. E ela obtém êxito. Através dos nomes selecionados e da explicitação de seus significados, expostos sempre ao longo do texto, podemos deduzir qual o papel desempenhado por cada personagem. Os nomes têm sempre origem africana e o narrador não detalha a função de cada um deles ou se atém a descrições do tipo psicológicas. É a partir do entendimento do significado do nome que podemos reconhecer a função atribuída a cada indivíduo.

No dia do nascimento de Ayoluwa, Omolara foi a responsável pelo parto. Para descrever a personagem e para tomarmos conhecimento de sua função de parteira, o narrador assim nos descreve o nome da personagem e seu significado: "E no momento

exato em que a vida milagrou no ventre de Bamidele, Omolara, aquela que tinha o dom de fazer vir as pessoas ao mundo, a conhecedora de todo ritual do nascimento, acolheu a criança de Bamidele" (Evaristo 2005: 38).

As referências circunstanciais também são mínimas; não é apontado de forma precisa quando os fatos ocorreram e nem a sua localização. Podemos inferir que se trata de uma comunidade negra devido às menções aos elementos que nos remetem a cultos, crenças e simbologias de origem africana, sendo eles: a etimologia dos nomes, a referência à ancestralidade, a simbologia sobre a questão do nascimento e a organização matrilinear da comunidade.

Bamidele e Ayoluwa são as duas principais personagens e representam o momento de restabelecimento da ordem. É a partir do anúncio da gravidez de Bamidele que a comunidade volta a ter esperança. Ayoluwa, "aquele que veio para trazer alegria para o nosso povo", é a criança que está para nascer e o significado do seu nascimento é muito importante. Bamidele, "a esperança", é a gestante que, através do seu anúncio, ajuda a restabelecer a alegria e dá forças para que o ciclo vital continue.

É importante observar a simbologia sobre a questão do nascimento, originada na referência a afro-descendência do grupo. A fecundidade de Bamidele interfere na vida de toda a comunidade e é um importante símbolo pertencente ao ciclo da vida. De acordo com Claude Lépine, em artigo publicado no Caderno Uniafro sobre os povos do Golfo do Benin (o que inclui os Estados de Gana, Togo, Benin e Nigéria), os valores mais enraizados nas culturas destes eram:

a fecundidade e a fertilidade, a energia vital, o crescimento, a multiplicação, o apego à terra e os antepassados, que levaram à elaboração dos aspectos fundamentais de sua religião e de sua concepção do universo, do homem, da sociedade (Lépine 2007: 61).

A ausência de nascimentos faz parte da crise composta por um conjunto de desavenças dentro do ciclo vital. Durante a descrição deste momento, o narrador assim nos fala: "o milagre da vida deixou de acontecer também, nenhuma criança nascia e, sem a chegada dos pequenos, tudo piorou" (Evaristo 2005: 37). O ciclo não estava em harmonia o que encerra as angústias e descrenças das personagens: "agora nenhuma família mais festejava a esperança que renascia no surgimento de sua prole" (Evaristo 2005: 37).

A relação com a natureza também é afetada pela crise. A terra é a provedora da subsistência de todos e seu manejo é de extrema importância. Com a quebra do ciclo, toda a atmosfera de produção é afetada: "E então deu de faltar tudo: mãos para o trabalho, alimentos, água, matéria para os nossos pensamentos e sonhos, palavras para as nossas bocas, cantos para as nossas vozes, movimento, dança, desejo para os nossos corpos" (Evaristo 2005: 35). A crise ocorre como uma reação em cadeia, em que cada elemento é afetado.

Bamidele, ao anunciar o nascimento fertiliza a esperança que estava resguardada: "A noite, quando nos reuníamos em volta de uma fogueira mais de cinzas

do que de fogo, a combustão maior vinha de nossos lamentos. E em uma dessas noites de macambúzia fala, de um estado tal de banzo, como se a dor nunca mais fosse se apartar de nós, uma mulher, a mais jovem da desfalcada roda, trouxe uma boa fala" (Evaristo 2005: 37).

O anúncio do nascimento de Ayoluwa simboliza o fortalecimento da comunidade e "todos se engravidaram da criança nossa" (Evaristo 2005: 38) que representava a continuidade do ciclo. "A partir daquele momento, não houve quem não fosse fecundado pela esperança, dom que Bamidele já trazia no sentido de seu nome" (Evaristo 2005: 38).

Nesta comunidade os mais velhos desempenham um papel importante. Há uma grande quantidade deles, o que reflete a simbologia advinda do continente africano. Ainda sobre sua pesquisa sobre os povos do Golfo do Benin, Claude Lépine observa que após o fim da existência visível o indivíduo ou volta a fazer parte da comunidade através dos recém-nascidos da mesma família ou insere-se na massa dos antepassados do grupo (Lépine 2007: 60). No conto, a vida de Ayoluwa "já estava escrita na linha circular de nosso tempo. Lá estava mais uma nossa descendência sendo lançada à vida pelas mãos de nossos ancestrais" (Evaristo 2005: 38)

Os mesmos indivíduos, ou pelo menos um dos seus elementos espirituais, percorrem um ciclo e vão e voltam do mundo dos vivos para o mundo dos mortos e vice-versa. A existência individual prolonga-se nas gerações vindouras, fundando suas raízes no passado, transcendendo os seus limites terrestres (Lépine 2007: 60). A morte não representa simplesmente um fim da vida humana, mas a vida terrestre se prolonga em direção à vida além.

Vô Moyo, o que trazia boa saúde; Tio Masud, o afortunado; o Velho Abede, o homem abençoado; Vovó Amina, a pacífica; as velhas parteiras do povoado; Omolara, a que havia nascido no tempo certo, representam alguns dos personagens mais velhos e, portanto, mais experientes.

Os personagens com maior idade também carregam consigo a força da resistência negra; estes indivíduos representam a história através de uma outra versão e nesta o protagonismo do homem negro é ressaltado. Conforme o narrador nos descreve, no momento da crise:

Os mais velhos acumulados de tanto sofrimento olhavam para trás e do passado nada reconheciam no presente. Suas lutas, seu fazer e saber, tudo parecia ter se perdido no tempo (...). Todos estavam enfraquecidos e esquecidos da força que traziam em seus próprios nomes. As velhas mulheres também. Elas, que sempre inventavam formas de enfrentar e vencer a dor, não acreditava mais na eficácia delas próprias. Deslembravam a potência que se achava resguardada a partir de suas denominações (Evaristo 2005: 36).

Diferentemente do passado que foi construído no imaginário da nossa sociedade, nesta história percebe-se a resistência de um povo. A escravidão não foi absorvida pacificamente, houve resistência e conflito e os personagens mais velhos

representam aqueles que lutaram.

As diversas personagens femininas representam a organização matrilinear da comunidade, ou seja, aquela em que a mulher exerce direitos como os de herdar e ser proprietária. A antiga civilização africana contava com mulheres soberanas e permitia a partilha do poder entre os sexos.

As personagens femininas como Tia Sele, a mulher forte como um elefante; mãe Asantewaa, a mulher de guerra (referência à rainha de Gana Yaa Asantewaa, que liderou a guerra dos Asante contra o domínio inglês); vovó Amina, a pacífica; as velhas parteiras do povoado; Omolara, a que havia nascido no tempo certo; Malika, a rainha e Bamidele, a esperança, representam isso.

Também foi uma personagem feminina, fruto da conspiração dos ancestrais, que trouxe de volta alegria e esperança ao povo através do seu choro que "acordou todos nós" (Evaristo 2005: 39). Esta pode ser uma alegoria para a atual situação dos negros no Brasil. Marginalizados durante séculos, estes indivíduos precisaram negar a assimilação aos valores do homem branco ocidentalizado, afirmar-se enquanto negros e tomar para si a negritude, para não desistirem de sua auto-afirmação. Como no conto, "ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida... Mas sempre inventamos a nossa sobrevivência" (Evaristo 2005: 38).

## Conclusão

A análise do conto *Ayoluwa, a alegria do nosso povo* nos permite observar a emergência da literatura negra e a revelação de uma poética que busca corporificar as demandas dos afro-descendentes e o processo de afirmação da identidade destes.

Podemos pontuar suas contribuições enquanto literatura que desmantela o discurso centralizador que coloca o branco em uma posição superior e os negros, índios e asiáticos, inferior; que relaciona a branquidão de um indivíduo ao seu grau civilizatório e à sua capacidade evolutiva.

## Referências Bibliográficas:

- BERND, Zilá. *Introdução à Literatura negra*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- EVARISTO, Conceição. *Ayoluwa, a alegria do nosso povo*. IN. *Cadernos Negros* 28. São Paulo: Quilombhoje: Ed. dos Autores, 2005.
- GOTLIB, Nádia Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1988.
- GUIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2005.

LÉPINE, Claude. África Ocidental: Os povos do Golfo do Benin. IN. *Caderno Uniafro vol. 3*. Londrina, 2007.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

Recebido em 5/12/2008; aprovado em 5/09/2009.